

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Filosofia - FaFil

Disciplina: **Filosofias do Ensino da Filosofia / Didática I**

Professora: **Carmelita Brito de Freitas Felício**

Turma: (2020.1-TB) - **Manhã - FAF0004**

Aluno: **Paulo Henrique Almeida Adorno**

**O ENSINO (EMERGENCIAL) DE FILOSOFIA
COMO PROBLEMA FILOSÓFICO.**

Entrevista com: Prof. Pedro Mendes Ferreira Lemos.

APRESENTAÇÃO

“Feliz aquele que transfere o que sabe
e aprende o que ensina.”

Cora Coralina

A professora Carmelita Brito de Freitas Felício, responsável pela disciplina de Didática I/Filosofias do Ensino da Filosofia, tem nos guiado durante o semestre, aos estudos e pesquisas sobre o ensino de filosofia, com questões que vão da pedagogia à problematização filosófica desse ensino. Nos foi oferecida a proposta de elaboração de entrevistas com professores cuja área de atuação fosse interessante para as discussões acerca de pensar sobre “o ensino de filosofia como problema filosófico”. Partimos da leitura e análise do livro “Os filósofos e a educação”, onde a autora, Anita Kechikian conduz entrevistas com os filósofos: Robert Misrahi; Raymond Polin; François Châtelet; Jacques Bouveresse, Marcel Conche; Jean-François Lyotard; Olivier Revault D’Allonnes; Clément Rosset; Paul Ricouer e Etienne Balibar. Essas entrevistas dizem respeito à necessidade da educação voltar a ser uma questão para os filósofos.

Em seguida, trabalhamos o livro “O ensino de filosofia como problema filosófico”, de Alejandro Cerletti, livro esse que foi indicado pela professora como principal guia para a elaboração das questões a serem apresentadas aos professores. Neste livro, o autor busca demonstrar que “o perguntar filosófico é o elemento constitutivo fundamental do filosofar e, portanto, do ensinar filosofia” e, com isso, partindo do filosofar como o “motor de tal ensino”, são levantadas várias questões acerca do ensinar filosofia.

A escolha do professor Pedro Mendes Ferreira Lemos como entrevistado se baseia nas aulas que tivemos no ano passado, de Filosofia Analítica e, mais atualmente, nas aulas de Filosofia da Linguagem, pois a percepção que tenho é que, dado os problemas atuais, tanto o contexto de pandemia quanto a somatória das crises diversas que se acumulam, os temas que atravessam as problemáticas atuais estão intimamente ligados há muito ao que é abordado no escopo de problemas das áreas de atuação do professor Pedro Lemos. Seria interessante então, na minha opinião, conhecer tanto a visão de especialista como a de professor, que não só pensa as questões, mas vive elas no dia a dia, o que seria importante para compreender filosoficamente o contexto atual.

INTRODUÇÃO

O caos pandêmico se instaurou no mundo, e com ele, um pandemônio nas instituições sociais. Todos os problemas que outrora foram guardados nos porões da negligência voltam a nos assombrar como monstruosas problemáticas sociais. O contexto caótico que atualmente vivemos na educação evidenciou vários desajustes quanto ao propósito da educação e, sobretudo, evidenciou a profunda crise de sentido que afeta a cultura educacional, explicitando a fragilidade de uma educação pautada em valores mercantis.

As equipes de marketing do governo precisaram lidar com uma nova demanda, inserir o prefixo “emergencial” a toda e qualquer medida a ser tomada. Mas aquilo que emerge nesse pandemônio, longe de ser algo novo, é apenas um velho demônio com vestes novas de caos. Os protestos estudantis no Brasil organizados em 2019 tinham como pauta questionar as medidas tomadas pelo então ministro da educação Abraham Weintraub, já prevendo o desmantelamento que sua gestão ocasionaria à educação, com medidas que previam cortes que afetariam drasticamente a estrutura educacional do nosso país. Ataques diretos e indiretos à filosofia e à sociologia foram claramente observados, como na proposta de descentralizar investimentos nessas áreas. Questões como a utilidade da filosofia foram empunhadas em discussões acaloradas em redes sociais e fomentadas pela narrativa “mitológica” do governo, fora o incentivo à adoção do “ensino remoto” visando a “democratização” da educação.

Novamente a filosofia se vê diante de narrativas mitológicas, o “mito” se faz novamente um desafio àqueles que procuram questionar os deuses da atualidade que dançam com seus pés de barro a valsa do capitalismo inconsequente. A pandemia, assim, nos faz encarar deuses e demônios refletidos no espelho social de um mundo caótico.

ENTREVISTA

Pedro Mendes Ferreira Lemos, possui graduação em Filosofia (Bacharelado e Licenciatura) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2007). Em 2008, ingressou no Mestrado em Filosofia pela PUC-Rio (com bolsa do CNPq), sob orientação de Oswaldo Chateaubriand Filho. Foi premiado em 2009 com bolsa especial por 12 meses, através do 'Programa Bolsa Nota 10' pela FAPERJ, para concluir e defender sua dissertação. Em 2016, recebeu o título de Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) no Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE), sob orientação de Walter Alexandre Carnielli. Atualmente trabalha como pesquisador pós-doc (PNPD/CAPES), área de Lógica e Filosofia da Linguagem, na Universidade Federal de Goiás (UFG), com os seguintes temas: Lógicas Modais e Temporais, futuros contingentes, condicionais indicativos e contrafactuais, e semânticas com sensibilidade a 'contextos de avaliação' (assessment-sensitivity). Seus principais trabalhos incluem: 'Conditionals, Retrospective Judgments, and Relative Truth' (2015), 'On Asserting Future Contingents' (2015), e 'A Turing Machine for Exponential Function' (2011).

“O ensino (emergencial) de filosofia como problema filosófico”

O tema que propus para a entrevista com o professor Pedro Lemos foi “O ensino (emergencial) de filosofia como problema filosófico”, parafraseando o título do livro “O ensino de filosofia como problema filosófico”, de Alejandro Cerletti, acima citado. Como já mencionado, o autor propõe pensar o ensino de filosofia como problema filosófico, e estendi essa problemática ao professor Pedro Lemos e à sua área de atuação no ensino, que é a Filosofia Analítica e a Filosofia da Linguagem. A filosofia analítica tem como característica a busca da sua estrutura de identidade no método de análise da linguagem, tendo como escopo problemas que surgem especificamente do uso da linguagem.

Tomando então por base essa análise que parte do uso da linguagem como a principal forma de resolver grandes problemas filosóficos, propus saber primeiramente de que modo o professor Pedro Lemos faria uma problematização acerca do ensino de filosofia, nesse período emergencial? Percebendo que as medidas adotadas atualmente para o ensino remoto passam por moldes tecnológicos, que entende o meio digital como um meio de comunicação,

no qual há uma proliferação de mecanismos de desinformação e vários outros problemas acerca da transmissão das informações. Assim, esse meio está sujeito aos problemas da linguagem, o que interpela a educação acerca da possibilidade transmissão do conhecimento de forma eficaz. A transmissão do conhecimento, por si só, já constitui um problema para a filosofia desde o seu princípio, e presenciamos isso de maneira intensificada no atual contexto que vivenciamos.

1.1 – Pergunta.

Gostaria de saber do senhor, que presencia as dificuldades atuais do ensino de filosofia remotamente como professor atuante nessa área, qual o papel da filosofia em pensar esse ensino dito emergencial? E, em específico, da Filosofia Analítica e da Linguagem na construção da análise de uma problemática do ensino remoto como um meio de uso da linguagem e, conseqüentemente, do ensino?

1.2 - Resposta do Prof. Pedro Mendes Ferreira Lemos.

Em primeiro lugar, preciso dizer que quando leio suas questões, eu me enxergo através delas; não apenas em relação às questões que me motivaram enquanto o aluno que fui, mas também com relação aos novos desafios que passaram a ser enfrentados pela comunidade acadêmica por conta do nosso contexto atual.

Na pergunta que me foi destinada, identifico três grandes fios condutores que orientarão também a minha resposta: (1) o primeiro fio diz respeito às particularidades de minha área de atuação (Lógica, Filosofia Analítica, e Filosofia da Linguagem), e a correlação destas particularidades com o ensino de seus conteúdos; (2) o segundo fio diz respeito aos desafios enfrentados por este ensino em razão das circunstâncias emergenciais que foram impostas pelo contexto da Pandemia (em especial, a adaptação à modalidade de ensino remoto); (3) e por fim, o terceiro e conclusivo fio dirá respeito ao papel que a Filosofia da Linguagem tem desempenhado na reflexão e análise da conjuntura atual.

Quanto ao primeiro ponto, eu destacaria que a Filosofia da Linguagem apresenta uma prerrogativa bastante singular em relação ao seu ensino: em linhas gerais, ela lida com um conjunto de problemas cujo pleno entendimento de sua origem é prontamente inteligível a uma audiência que não depende de um repertório amplo de pressupostos filosoficamente sofisticados. Isso se dá como consequência do fato de que todos nós já somos usuários competentes de uma linguagem natural, e portanto somos profundamente familiares ao uso de uma linguagem enquanto um instrumento público de comunicação, de interação com

o mundo, e de deliberações sobre o mundo (quando transmitimos informações, quando damos testemunhos, quando batizamos filhos com nomes próprios, quando fazemos promessas, quando descrevemos experiências pessoais.. e também quando ensinamos e aprendemos).

Transposto ao contexto contemporâneo do ensino remoto (com o advento da Pandemia), e agora pensando mais detidamente sobre o segundo fio, vejo que essas motivações permanecem inalteradas enquanto força motriz que espontaneamente despertará interesse em um leitor ou aluno pelos temas discutidos em Filosofia da Linguagem, inclusive pela própria natureza destes problemas e como estes estão enredados nos próprios desafios de comunicação em um ensino remoto. Mais que isso até, eu observo que essas motivações podem ter sido intensificadas pela circunstância da Pandemia e o fato de que todos nós já estávamos imersos em um profundo ecossistema de interações em redes sociais, que tiveram suas particularidades comunicativas mais evidenciadas com as exigências da quarentena; para o bem e para o mal (especialmente para o mal).

Neste sentido (e agora introduzindo o terceiro e conclusivo fio), vejo que foram notórios dois principais episódios sobre esse tema. Em primeiro lugar, houve a grande repercussão causada pelo documentário ‘O Dilema das Redes’ (‘The Social Dilemma’, distribuído pela Netflix), sobre os impactos que foram imediatamente acentuados nesse novo ecossistema social, em razão de algoritmos que acabam sempre premiando comportamentos beligerantes em redes sociais, pela maneira como estes algoritmos foram programados a buscarem maior "tempo de tela" (isto é, maior tempo de interação do usuário com aquela rede social, de modo que haja maior tempo de exposição a propagandas).

Em segundo lugar (e em paralelo), houve também o despertar de uma discussão especificamente na área de Filosofia da Linguagem, sobre o uso de ‘dog whistles’ e linguagem codificada em discurso político. Esta expressão, ‘dog whistle’ (traduzida literalmente por “apito para cães”), na verdade se refere originariamente a um apito usado em adestramento de cães, que emite uma frequência inaudível para seres humanos, porém audível por cães que então conseguem decodificar comandos que foram treinados a interpretar, sem que a emissão deste comando seja percebida por humanos em um determinado ambiente. Por analogia, ‘dog whistle’ é também um termo técnico com uso originado em Linguística, para se referir a um efeito comunicativo que explora a emissão de mensagens implícitas em um determinado discurso político (frequentemente apresentando implicaturas socialmente reprováveis ou legalmente imputáveis em uma determinada comunidade), e que: (1) ou bem essas implicaturas passam despercebidas por uma parcela da sociedade, mas são decodificadas por uma certa audiência alvo que não incorre nos custos sociais de serem percebidas como tendo se subscrito a determinados valores; ou bem, (2) são devidamente decodificadas, mas o meio de veiculação dessas implicaturas (o discurso político em si, com os termos que foram empregados, operando como ‘palavras-de-códigos’ (code words)) é capaz de fornecer abertura

interpretativa suficiente para que o autor se defenda contra alegações de sua subscrição à mensagem política que foi insinuada (e em larga medida, explorando o componente de 'force' de um ato-de-fala (speech-act), pois é esse componente quem determina, de maneira decisiva, a mensagem final que pode ser imputada à luz do conteúdo que foi literalmente expresso; por isso é tão comum, por exemplo, que se encontre alegações de que “se tratava de uma ironia”, ou “se tratava de humor”, etc.

CONCLUSÃO

À luz do que foi exposto na resposta do professor Pedro Lemos, podemos perceber que a Filosofia da Linguagem, a Lógica e a Filosofia Analítica tem muito a oferecer quanto a discussões sobre o contexto atual do ensino da disciplina de filosofia na escola básica. Visto que, como o professor Pedro Lemos mesmo ressaltou sobre a Filosofia da Linguagem e a Filosofia Analítica (que é uma filosofia cujo os problemas surgem a partir do uso da linguagem), “todos nós já somos usuários competentes de uma linguagem natural, e portanto somos profundamente familiares ao uso de uma linguagem enquanto um instrumento público de comunicação, de interação com o mundo, e de deliberações sobre o mundo” e, assim, o escopo de problemas que ela lida é “inteligível a uma audiência que não depende de um repertório amplo de pressupostos filosoficamente sofisticados”. Podemos perceber que a Filosofia da Linguagem trabalha com problemas que possuem elementos que constituem a natureza dos “próprios desafios de comunicação de um ensino remoto”.

Como colocado pelo professor Pedro Lemos, “já estávamos imersos em um profundo ecossistema de interações em redes sociais” e, nesse tempo de pandemia, “tiveram suas particularidades comunicativas mais evidenciadas com as exigências da quarentena”. O ensino remoto, pode e deve ser pensado como um problema filosófico, não só porque há uma demanda que surge de forma emergencial dado a necessidade do distanciamento social, mas porque há uma proliferação de mecanismos que moldam o debate público em torno de várias questões importantes para a estrutura da sociedade a partir de dinâmicas de mercado, onde a oferta e demanda, o cálculo econômico envolvendo a forma que são programados os algoritmos, tornam a busca pela “informação” um novo nicho de mercado.

O que percebemos como crescente é justamente o que é levantado por José Sérgio Carvalho, no seu livro “Reflexões Sobre Educação, Formação e Esfera Pública”, onde, no capítulo 4, ele fala sobre o declínio do sentido público da educação em que “à medida que se concebem o valor e a qualidade da educação com base em seu alegado impacto econômico na vida privada do indivíduo, perde-se seu significado ético-político, ou seja, seu sentido público”.

José Sérgio Carvalho, faz uma colocação sobre os quatro pilares da educação do século XXI (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser), propostos pelo economista francês Jacques Delors em sua obra intitulada “Educação: um tesouro a descobrir”, onde ele diz que nesses pilares “o ideal maior a ser almejado pela educação não é o da participação e da renovação de um mundo comum e público, mas o da obtenção de competências e habilidades para a produção em uma sociedade de consumo”. Percebo que, no atual contexto que estamos, presenciamos a consolidação desses pilares sendo fortificados pela forma que interagimos com o meio digital, e isso colabora para distorcer a forma que percebemos a educação.

A diluição das fronteiras entre as esferas públicas e privada na vida contemporânea foram intensificadas com a consolidação da internet como meio de convivência. Essa nova forma de “vida em sociedade”, sendo de grande interesse para grandes corporações, pode ser observada como uma extensão do campo das “necessidades”, que por serem construídas artificialmente, sofrem com maior intensidade com perspectiva econômico-utilitarista, o que atinge também a educação. Nesses moldes vários problemas são observados, e podemos perceber muito do que já se debate no âmbito acadêmico sobre a educação, e assim, o que foi proposto por Alejandro Cerletti, “o perguntar filosófico é o elemento constitutivo fundamental do filosofar e, por tanto do ensinar filosofia”, se faz como algo de extrema importância como motor do ensino de filosofia. Assim, é de essencial importância o engajamento filosófico acerca do pensar as problemáticas envolvendo o ensino de filosofia, tanto para pensar esse novo meio de convivência que é a internet, que como percebemos, é bem problemático, tanto para pensar o ensino de filosofia como o exercício do filosofar.

Referências

CARVALHO, J. S. “O declínio do sentido público da educação” (cap. 4). Reflexões sobre educação, formação e esfera pública. Porto Alegre, RS: Penso, 2013, p. 57-87.

CERLETTI, A. O ensino de filosofia como problema filosófico. Tradução Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

KECHIKIAN, A. Os filósofos e a educação. Tradução Leonel Ribeiro dos Santos e Carlos João Nunes Correia. Lisboa: Edições Colibri, 1993 (Coleção Paideia).